

Vossos idosos e vossas idosas sonharão sonhos *Your Elderly Will Dream Dreams*

*“Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Vou sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal”*

Fernando Brant / Milton Nascimento – Coração Civil

Resumo

Os eventos traumáticos, quando muito impactantes, têm consequências psicológicas, sociais e literárias sobre os indivíduos ou grupos que os experimentaram. Os seus efeitos podem chegar a desestruturar pessoas ou sociedades. A literatura decorrente dessa situação tende a buscar reestruturar a sociedade ou grupo social. O livro de Joel é uma resposta ao mais traumático evento sobre Judá no período do Antigo Testamento: a invasão babilônica. Este livro se utiliza de uma importante tradição profética, o “Dia de Yahweh” para olhar para o desastre e para o futuro. No Dia de Yahweh que virá, os velhos, em geral, isolados e desprezados, se tornam pela ação divina, participantes ativos e grupo integrador da nova sociedade.

Palavras-chave. Idosos; Dia de Yahweh; Profecia; Trauma; Sonhos.

Abstract

Traumatic events, when deeply impactful, have psychological, social, and literary consequences for the individuals or groups who experience them. Their effects can even destabilize individuals or societies. Literature arising from this situation tends to seek to restructure society or social groups. The book of Joel is a response to the most traumatic event affecting Judah in the Old Testament period: the Babylonian invasion. This book draws on an important prophetic tradition, the “Day of Yahweh,” to look back to the disaster and to the future. On the coming Day of Yahweh, the elderly, generally isolated and despised, become, through divine action, active participants and integrating groups in the new society.

Keywords. Elderly; Day of Yahweh; Prophecy; Trauma; Dreams.

¹ Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela UMESP; professor da UNIMES.

² Bacharelada em Teologia pela FATIPI.

Introdução

As sociedades capitalistas desde a revolução industrial, pelo menos, avaliam os seres humanos pela sua capacidade de produção. Uma pessoa só vale se ela é capaz de trabalhar e gerar riquezas. Nesses grupos os homens e as mulheres adultos são os mais respeitados por estarem na faixa etária em que sua força física e mental está no auge, possibilitando seu emprego nos campos, nas fábricas, no comércio e outros lugares de geração de bens e serviços.

Quando essas pessoas envelhecem e experimentam o declínio de sua capacidade de produção, a sociedade as aposenta, ou seja, as coloca em um aposento, “esperando a morte chegar”. As exclui para que elas não atrapalhem o ritmo frenético da produção.

Essa é apenas uma das muitas formas de exclusão dos pertencentes à uma faixa etária elevada. Eles e elas precisam se acostumar que “o seu tempo” já passou. Agora é a vez dos jovens. Para os idosos e idosas, em consequência, não é mais tempo de sonhar ou desejar.

A profecia do antigo Judá anuncia outra realidade. Nela, em Joel, os seus velhos sonharão sonhos. É a essa profecia que lançamos nossos olhos, ciente de todas as distâncias que nos separam dela.

1. O texto bíblico: Joel 3³

*¹ Será depois disso que derramarei meu espírito sobre toda a carne,
e profetizarão os seus filhos e suas filhas,
seus velhos sonharão sonhos,
seus jovens verão visões.*

² Até sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu espírito.

*³ E darei sinais nos céus e na terra,
sangue e fogo e colunas de fumaça.*

*⁴ O sol tornará em trevas,
e a lua em sangue,
antes que venha o grande e temível dia de Yahweh.*

*⁵ E acontecerá que todo que chamar o nome de Yahweh será salvo
porque no monte Sião e em Jerusalém acontecerá livramento
- Como disse Yahweh -
e entre os sobreviventes que Yahweh chamar.*

Esta perícopes apresenta três referências temporais: v. 1: “depois disso”; v. 2: “naqueles dias”; v. 4: “antes que”.

³ Como é bastante conhecido, Joel é um dos poucos livros em que há diferença na numeração de capítulos e versículos entre a Vulgata que divide o texto em três capítulos e a Bíblia Hebraica, que o divide em quatro. Seguimos a numeração da BHS, indicando a da Vulgata entre colchetes.

Como Crenshaw (2008, p. 163) destaca, a primeira expressão temporal faz uma ligação entre esse trecho e o que vem antes no livro de Joel: o Dia de Yahweh manifesto na invasão dos gafanhotos, o lamento sobre a seca e a carência e o chamado à conversão e arrependimento que ocupa os dois primeiros capítulos do livro. Tal sentença aponta para uma época depois desse dia de julgamento, porém, de alguma forma relacionado a eles. Os fatos descritos nos cap. 1-2 são considerados como precedentes ao tempo descrito em Jl 3.

O tempo em que acontecem os eventos anunciados nesta perícopes é expresso pelo termo “naqueles dias” (v. 2). Ele não é a época da pregação do profeta, mas um futuro indeterminado em relação aos acontecimentos descritos nos primeiros capítulos. Não é só uma diferença temporal que esse termo expressa, mas uma situação sócio-histórica completamente diferente. Essa transformação não ocorre por qualquer ação humana, mas a partir do “derramar o espírito de Yahweh”.

A terceira indicação temporal aponta para um tempo ainda mais adiante, um “futuro do futuro”. Essa indicação é o “antes que”. Ela aponta que o que ocorre “naqueles dias” será sucedido por um outro acontecimento de suma importância: o outro Dia de Yahweh, manifesto em salvação. Este Dia de Yahweh é o tema do que se segue no livro de Joel, com a prosperidade dos fiéis e o julgamento das nações.

Dois pontos podem ser destacados a partir desta análise. Em primeiro lugar, o livro de Joel apresenta o Dia de Yahweh com um duplo caráter. Por um lado, no passado, ele foi o julgamento expresso na invasão inimiga metaforicamente descrita pela nuvem de gafanhotos. Por outro lado, no futuro, ele representa a salvação na esperança pela restauração da prosperidade do povo fiel e pelo julgamento dos inimigos.

Em segundo lugar, fica evidente que Jl 3 representa uma passagem entre o passado de sofrimento e o futuro de alegria. Ele é o tempo de transformação, a ponte entre um Dia de Yahweh e outro. Nele se expressa a causa dessa transformação, que é o derramamento do espírito de Yahweh.

Nos propomos a ler Jl 3 a partir desse duplo caráter do Dia de Yahweh, julgamento e salvação, utilizando como ferramenta para isso a teoria do trauma. Para efeito de análise, utilizamos a tríplice divisão temporal: o “depois disso”, o “naqueles dias” e o “antes que”.

2. O precedente: o que aconteceu antes de “depois disso”

A primeira indicação de tempo olha para o passado, para o evento traumático da invasão babilônica. Ele é tão terrível que precisa ser expresso através de uma figura de linguagem: a invasão de gafanhotos. Em Jl 3, no entanto, esse olhar já ficou para trás, foi apresentado nos cap. 1 e 2 de Joel. Esse evento

é importante, não foi esquecido e nem poderia. É a partir dele que se constrói tudo que vem depois.

Situando Joel

Datar o livro de Joel não é uma tarefa fácil. Este escrito não oferece nenhum tipo de indicação clara a respeito da época de sua composição. Não há referência a nenhum rei ou outro personagem histórico com o qual se possa relacionar o livro. Essa tarefa tem desafiado os comentaristas.

A maioria dos estudiosos de Joel, na atualidade, tem optado por situá-lo no período de dominação persa. Os principais argumentos em favor dessa data são a ausência de qualquer citação a um rei; Jl 4,1-3 faz referência à catástrofe que representou a invasão babilônica, mas a Babilônia propriamente dita não é nunca mencionada no livro; o protagonismo social dos anciãos e dos sacerdotes apresentado no livro e outros indícios⁴.

No entanto, é preciso destacar que esses mesmos argumentos podem ser usados para outra época. A ausência de um rei e o protagonismo de anciãos e sacerdotes também é característico dos anos posteriores às invasões e tomada de Jerusalém pela Babilônia, época em que este império governou a região. A ausência de menções à potência mesopotâmica é explicada pela rejeição ao violento conquistador e à amargura causada pela brutal invasão. E, de outra forma, os persas também não são mencionados.

Vemos, porém, indicações para outra data. O livro inicia com a descrição de uma terrível e destruidora invasão de gafanhotos e da terra arrasada e improdutiva em decorrência da nuvem devoradora (Jl 1,2-12). Essa narrativa comporta diferentes interpretações: uma real praga de insetos, o exército escatológico de Yahweh ou o ataque de um poderoso exército humano⁵. Esta última opção se reforça pela menção em Jl 2,20 a um exército invasor que vem do Norte.

O problema dessa leitura é que não se tem notícia de nenhuma invasão militar violenta de Jerusalém e arredores durante o período persa. Porém, a descrição da invasão de gafanhotos cabe perfeitamente como metáfora à incursão do exército da Babilônia em Jerusalém e região. A questão que se levanta é que uma data tardia, gerações após o evento perturbador, não justifica tamanho assombro. A “invasão de gafanhotos” deve ser um evento cronologicamente próximo do autor.

Também as referências à falta de víveres no sustento de sacerdotes e oficiais do culto (Jl 1,9.13.16) não tem lugar num contexto em que o templo

⁴ Sobre os argumentos a favor de uma data tardia para Joel, veja: Nogalski, James D. *The Books of Joel, Obadiah and Jonah*. The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 2023; Schökel, L. Alonso & DIAZ, J.L. Sicre. *Profetas II*. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1991; Wolff, Hans Walter. *Joel and Amos*. Hermeneia. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

⁵ As possibilidades de interpretação para os gafanhotos em Joel, veja: Andíach, Pablo. *The Locusts in the Message of Joel*. *Vetus Testamentum*, v. 42, p. 433-441, Leiden: Brill, 1992.

é o centro político-administrativo da província. Faz mais sentido pensar nas condições da região jerusalemita após as deportações promovidas pela Babilônia.

Desse modo, devemos pensar que Joel e especificamente Jl 3,1-5 tem seu lugar na região de Jerusalém ou suas proximidades quando esta região se encontrava sob domínio do império mesopotâmico após as deportações nas primeiras décadas do século VI a.C.

A invasão Babilônica

Esse momento da História de Israel é bastante conhecido, porém, é oportuno lembrar alguns pontos.

A passagem do séc. VII para o séc. VI a.C. testemunhou a ascensão do império chamado Neobabilônico que rapidamente assumiu o poder sobre toda a região então dominada pela Assíria, incluindo Judá. Joaquim, rei de Judá, colocado pelo Egito, inicialmente permaneceu submisso aos caldeus. Porém, na primeira oportunidade tentou ganhar autonomia do Império. Inicialmente a Babilônia estava ocupada com a preservação de outros territórios, porém, em 596 a.C. marchou contra Jerusalém. Joaquim morre subitamente (ou foi morto) e seu filho Joiaquim assume o trono tentando acalmar o inimigo, mas foi em vão.

Jerusalém é invadida a Babilônia promove uma grande deportação, cujo conjunto era composto pelo rei, sua corte, artesãos, soldados e aqueles que pudessem ser úteis ao império. Nabucodonosor estabeleceu Zedequias como rei de Judá. Dez anos mais tarde, sob pressão interna, Zedequias se rebelou e tentou se libertar do império. A resposta a tal ato foi extremamente violenta, com a invasão de Jerusalém, destruição da cidade e do templo, mais deportações, e o território de Judá foi anexado ao do império.

Embora muitos tenham sido deportados, a maior parte da população permaneceu na região. Como a Babilônia levava aqueles que lhe poderiam ser úteis, não é difícil pensar que os idosos não fizessem parte dos preferidos pela corte de Nabucodonosor. As anciãs e anciãos que permaneceram na terra foram também dos que mais sofreram as consequências da destruição e as privações decorrentes dela (Lm 4,16; 5,12). Eles estão contados entre os que mais sofrem com a fome (Lm 1,19) e com a vergonha (Lm 2,10). E até as funções sociais atribuídas aos anciãos deixaram de ser exercidas (Lm 5,14).

Embora Jerusalém tenha sido destruída, a vida social, econômica e religiosa não se extinguiu. Ainda que o templo estivesse destruído, seu local permaneceu sendo utilizado para alguns atos de culto.

Toda a população testemunhou a agressão e a destruição promovidas pelas armas do império e os que permaneceram na terra não foi diferente. Os idosos em particular. As consequências da destruição dos campos e da cidade repercutiram ainda por muitos anos. E as traumáticas cenas de violência cer-

tamente ocuparam a memória das pessoas por um longo período. Ela condiz com a definição que Kai Erikson apresenta de trauma: “um golpe nos tecidos básicos da vida social que danifica os laços que unem as pessoas e prejudica o senso de comunidade prevalente.” (Apud Erikson, 1995, p.187, citado por Frechette & Boase, Elizabeth, 2016, p.8). A invasão babilônica foi um dos eventos mais traumáticos de toda a História de Israel.

A teoria do trauma

A teoria do trauma vem sendo elaborada desde Freud, pelo menos, no campo da Psicologia. A partir dos anos 1970 outros campos do saber, como a Sociologia e os Estudos Literários se juntaram à pesquisa acerca do impacto dos eventos traumáticos na vida de pessoas e grupos sociais. Desde o fim do século passado, essa teoria passou a ser um instrumento para leitura de textos bíblicos. Esses estudos acerca do trauma têm reconhecido o impacto de acontecimentos extremamente dolorosos na vida das pessoas e nos produtos culturais originados nesses grupos, inclusive na Bíblia.

Os fortes traumas produzem, tanto em indivíduos como em grupos sociais, dissociação e afastamento que, por sua vez, enfraquecem a capacidade dos traumatizados de construir uma narrativa objetiva, coerente e ampla dos eventos que os afligiram. Vários processos são utilizados, conscientemente ou não, a fim de construir um sentido para o trauma e reconstruir identidade da pessoa ou da comunidade vítima da dor. Como escreveu Frechette:

“Além da criação de uma narrativa linguística coerente, representações simbólicas do evento traumático em formas como poesia, música, arte, movimento corporal e ritual religioso também podem promover um processo de construção de significado relacionado aos eventos traumáticos.” (Frechette, 2016, pp. 6-7)

Há experiências que podem ser tão impactantes que só podem ser lembradas de modo indireto, em memórias fragmentadas, em imagens dispersas, em metáforas que funcionam como eufemismos diante da dor. A literatura decorrente de tais experiências refletem tanto os efeitos imediatos do trauma quanto os mecanismos psíquicos e sociais que promovem a sobrevivência e resiliência diante da tragédia. Essa literatura tem a capacidade de reestruturar a identidade do grupo traumatizado.

Nessa perspectiva nos propomos a entender não somente Jl 3,1-5, como todo o livro de Joel como uma resposta profética ao trauma da invasão babilônica a Judá e Jerusalém. Essa resposta foi dada por aqueles que permaneceram na região após as deportações e que enfrentaram a dura realidade de reconstruir uma sociedade, uma região e uma fé destruídas e traumatizadas.

3. O durante: o que acontecerá “naqueles dias”

Os eventos traumáticos ficaram no passado. Joel olha para a frente. A destruição não será para sempre. O segundo indicativo de tempo aponta para o tempo num futuro em que começa a transformação. Indica os acontecimentos promovidos por Deus que precedem imediatamente a mudança.

Derramarei o meu espírito

Para os cristãos, essa passagem de Joel e, principalmente, a menção ao “espírito” está profundamente influenciada pela sua citação em Atos (At 2,14-25) que a associa ao evento da vinda do Espírito Santo sobre a igreja. Porém, o autor de Joel não pensava em algo como o que a igreja de hoje pensa como a Terceira Pessoa da Trindade.

O significado básico da palavra hebraica traduzida por “espírito” é vento ou respiração. Ela não indica a essência do ar, mas o seu poder invisível, incontrolável e incompreensível, do qual se pode constatar apenas na sua movimentação e em seus efeitos. A associação desta palavra com o sentido de “espírito” acontece porque ela não se refere a um componente do ser humano ou um impulso de desejo, mas o seu poder vital e vontade em direção à ação (Wolff, 1977, p. 66). Significativo é perceber que o “vento” ou “espírito” dado por Yahweh está ligado à criação ou recriação da vida (Gn 2,7; Ez 37).

O derramar do espírito de Yahweh⁶ tem um alvo objetivo. Ele é sobre “toda a carne”. O sentido da expressão “toda carne” tem sido questionado. Ela aparece muitas de vezes no Antigo Testamento, sempre indicando toda a humanidade (p. ex.: Gn 6,17; Sl 136,25; Is 40,5). Jl 3,1 parece ser a única vez em que os comentaristas indicam um sentido mais restrito. Wolff (1977, p. 67) e Crenshaw (2008, p. 165) propõem que se refira apenas aos judaítas / israelitas. Se baseiam em duas evidências: 1. o pronome pessoal (*seus* ou *suas*) que especifica os receptores do derramar do espírito; e 2. o julgamento das outras nações no cap. 4 de Joel, o que destacaria uma visão negativa do profeta a respeito dos outros povos. Barton (2001, p. 96) apresenta uma proposta mais aberta aos estrangeiros, entretanto, para isso, considera essa perícopes não como original de Joel, mas uma adição tardia.

Os dois argumentos de Wolff e Crenshaw, no entanto, não são convincentes. Primeiramente, os pronomes pessoais só teriam peso se o livro de Joel fosse dirigido somente a judaítas / israelitas. E isso não é necessariamente verdade pelos motivos que apresentaremos mais adiante.

⁶ A mesma expressão, “derramarei o meu espírito”, aparece em Ez 39,29, em uma data próxima, mas geograficamente distante de Joel. Porém, entre uma a outra citação, há significativas diferenças. A primeira delas é que a consequência do derramamento do espírito em Joel é vários grupos terão atitudes de profetas. Em Ezequiel, o efeito será o fim da vergonha, o perdão e o retorno para Jerusalém. Também deve-se destacar que em Joel, o espírito é derramado sobre “toda a carne”, um efeito universal. Em Ezequiel, esse efeito é restrito, pois o espírito é derramado sobre “a casa de Israel”.

Embora seja fato que o cap. 4 apresenta um futuro julgamento das nações que agrediram Judá e Jerusalém, isso não implica a rejeição de todas as pessoas de todos os povos. De fato, em 4,2 e 12 está escrito que Deus reunirá todas as nações no Vale de Josafá. Porém, as únicas que são citadas nominalmente como alvo da ira de Yahweh são Tiro e Sidon, Egito e Edom.

Importante para a compreensão de quem é “toda a carne” sobre quem será derramado o espírito, é o final da perícopes. No v. 5 há dois termos que tratam de quem receberá o espírito de Yahweh: “todo que chamar o nome de Yahweh será salvo” e “os sobreviventes que Yahweh chamar”. No primeiro termo a questão da nacionalidade é substituída pela devoção, os salvos não serão os que pertencem a um determinado povo, mas os que clamarem por Yahweh. Já o segundo termo indica um desígnio de Yahweh que não faz sentido se eles pertencessem ao povo que anteriormente se reconhecia como escolhido.

Durante o período em que a Babilônia dominou a Palestina, aqueles que ficaram na terra estabeleceram relacionamentos sociais mais abertos com os povos vizinhos, também dominados pelos caldeus. Essa interação produziu contatos e partilhas sociais, culturais, econômicas e religiosas. Antigas fronteiras foram rompidas. Além da associação entre os diferentes grupos nacionais, a generalização de “toda carne” contempla também várias categorias sociais.

Quatro grupos de pessoas são explicitamente citados como recebedores do espírito de Yahweh: os seus filhos e suas filhas, os seus velhos, os seus jovens e os servos e as servas. Esses grupos representam o conjunto da sociedade: filhos e filhas indicam que o espírito será derramado sobre os diferentes gêneros; jovens e velhos representam as diferenças etárias e o “até” servos e servas ressalta que mesmo as classes sociais mais baixas recebem o poder divino. O espírito de Deus é derramado sem fazer distinção de gênero (filhos e filhas), de faixa etária (jovens e velhos) ou classe social (até sobre os servos e servas). O prometido derramamento do espírito de Yahweh é amplamente inclusivo, abarcando diferentes gêneros, diferentes faixas etárias e diferentes camadas socioeconômicas.

A estrutura que coloca os quatro grupos em paralelo tende a destacar aqueles que estão no centro dessa construção. Mesmo que o texto tenha uma perspectiva inclusiva, destacam-se as figuras dos velhos e dos jovens.

É importante perceber que esse derramamento produz atividades nos diferentes grupos. Elas não são exercidas por qualquer iniciativa humana (como conversão, oração etc.) ou como resposta divina a elas. É a partir do “derramar” do espírito, um ato de empoderamento executado por deliberação exclusiva de Yahweh.

Através dos paralelismos poéticos, o texto de Jl 3 estabelece uma profunda ligação entre os grupos mencionados e as suas atividades decorrentes do derramar do espírito de Deus: os filhos e filhas profetizarão, os jovens terão vi-

sões e os velhos sonharão. Através desse recurso literário todos esses grupos, expressos em diferentes categorias, são incluídos em atividades consideradas como ligadas à profecia: profetizar, sonhar e ter visões. Essas três atividades proféticas têm em comum entre si também o fato de estarem ligadas à revelação da vontade divina, ou seja, à recepção e anúncio dos desígnios divinos. Outras ações proféticas, como curas, não são mencionadas.

Considerando que o texto de Joel trata esse evento como um acontecimento extraordinário e transformador, devemos deduzir que nenhum desses grupos exercia normalmente qualquer dessas atividades nesse período. Jovens não tinham visões e velhos não sonhavam.

Por vezes, a atividade profética é diretamente relacionada com visões (Is 1,1) e o profeta podia até ser chamado de vidente (1Sm 9,11), embora este termo “vidente” possa ser usado pejorativamente (Am 7,12). O sentido da visão, quando relacionado ao conhecimento e à revelação de Deus, indica uma experiência mais próxima, direta e intensa (Jó 42,5).

A atividade de sonhar (e interpretar sonhos) está ligada à profecia como se lê em Nm 12,6. No entanto, não há registro na Bíblia de nenhum profeta que recebesse a palavra divina através de sonhos. Há mesmo passagens em que a atividade de sonhar no contexto da profecia é fortemente criticada: Dt 13,2-6; Jr 23,25-28; 27,1-11; 29,8. Esses textos, porém, se encontram envolvidos em polêmicas contra a falsa profecia.

No Antigo Testamento, muitos personagens recebem mensagens em sonhos, porém dois personagens se destacam por sua atividade de sonhar ou interpretar sonhos: José e Daniel. José e Daniel têm as próprias revelações como também interpretavam sonhos de outros. Um sonho é especialmente importante: o sonho de Salomão (1Rs 3,5-15). A história de José é uma novela sapiencial, enquanto a apocalítica, na qual Daniel está inserido, recebeu forte influência da sabedoria. E o sonho de Salomão apresenta como Deus tornou o rei o homem mais sábio de toda a terra. Desse modo, não estamos errados ao afirmar que a capacidade de ter e interpretar sonhos está também ligada à tradição sapiencial.

Em Jl 3, a capacidade dos velhos de sonhar sonhos é paralela às capacidades de ver e de profetizar. Isso a coloca no ambiente dos profetas. Porém, não se deve desprezar a cultura que conferia aos mais velhos a sabedoria (Pv 1,8; 4,1-2; 5,1). Em muitos textos a sabedoria, está associada à idade avançada. O que se pode entender é que em Jl 3 a profecia recebe influência da tradição sapiencial e se encontram ao afirmar que os velhos sonharão sonhos.

A profecia e a sabedoria atuam no conjunto da humanidade e se caracterizam por conhecer e anunciar a palavra de Yahweh. Embora o protagonismo dessa situação pertença a Deus, filhos e filhas, jovens e velhos, servos e servas são os seus instrumentos para isso. É essa dupla tradição que antecipa e prepara para o que vem a seguir, num futuro indeterminado: o Dia de Yahweh.

4. O que acontecerá depois: o que vem após “antes que”

O terceiro indicativo de tempo se refere ao futuro do futuro, ou seja, após o derramamento do espírito que já ocorrerá um futuro indeterminado. Ele é o objetivo, a transformação e o novo tempo que se deseja e se sonha, a superação do trauma com seus efeitos e a virada na história.

O Dia de Yahweh

Não é possível determinar quando surge na religião de Israel e Judá o conceito do Dia de Yahweh, pois ele é uma tradição muito antiga, que aparece na Bíblia como uma ideia já conhecida das pessoas. A expressão literal é encontrada apenas em livros proféticos como Isaías (2,12; 13,6.9), Ezequiel (13,5; 30,3), Joel (1,15; 2,1.11; 3,4 [2,28]; 4,14 [3,14]), Amós (5,18.20) Abidias (1,15), Sofonias (1,7.14), Zacarias (14,1) e Malaquias (4,5). O seu uso parece bem disseminado, embora seja importante notar que em dezessete referências, cinco delas estão no pequeno livro de Joel.

A expressão “Dia de Yahweh” não pode ser considerada rara no Antigo Testamento, porém nenhum texto bíblico esclarece o significado desse termo. Ao que tudo indica, os contemporâneos dos profetas já conheciam a expressão e seu significado, de modo que não era necessário explicá-lo. Só se pode deduzir seu sentido a partir das passagens bíblicas que temos. Através delas entendemos que a expressão “Dia de Yahweh” faz referência a um evento num futuro indeterminado em que Yahweh se manifestará de modo intenso e inequívoco, tanto sobre Israel e Judá quanto sobre outras nações. Essa teofania interfere em eventos cósmicos com sinais no sol, na lua e nos demais astros celestes e trará sobre os povos o julgamento divino ou sua salvação.

Destaque-se que a teofania do Dia de Yahweh pode ter um duplo caráter. Ela pode apontar par o julgamento divino sobre os ímpios, produzindo destruição, mas também pode significar salvação aos seus fiéis causando restauração, justiça, paz e prosperidade.

O Dia de Yahweh acontecerá em futuro indeterminado, mas não será nem o fim da história e nem após a história. De fato, ele inaugura um novo tempo na história. Um novo tempo a partir do julgamento ou salvação de Deus.

A passagem de Jl 3,1-5 é um trecho significativo. Além do número expressivo de menções ao Dia de Yahweh, esse conceito é central no livro de Joel, mais do que em qualquer outro da Bíblia. Nele, o Dia da Yahweh aconteceu no passado como julgamento (1,15; 2,1-2.11) e acontecerá no futuro como salvação do poder do inimigo (4,14).

A perícopa de Jl 3 está literariamente inserida como uma passagem entre o que vem antes, a destruição da guerra e suas consequências, e o que virá depois, a salvação de Yahweh, a prosperidade da nação e o julgamento dos

povos inimigos no Vale da Decisão. Ela indica a superação do trauma da destruição e a passagem para um tempo em que os poderosos seriam julgados.

Um novo tempo

Esse novo tempo é inaugurado pela ação de Deus em verter seu poder vital sobre os seres humanos. Esse espírito derramado promove a profecia e a sabedoria no conjunto do povo. Isso não significa uma nova mensagem profética, com outro conteúdo, tendo em vista que a perícopes nada apresenta do teor da profecia, dos sonhos ou das visões.

Esta ação divina tem a finalidade do estabelecimento de uma comunidade dirigida pela palavra de Deus. Wolff (1977, p.66) afirma que o profeta não imaginava uma nação de pessoas em êxtase, mas apenas afirma a existência de profetas em meio ao povo. Realmente, não há indicações de êxtase nem em Joel e nem na maioria dos profetas literários.

No entanto, ao afirmar que os filhos e filhas profetizarão, os velhos sonharão e os jovens terão visões, o autor está afirmando o caráter ativos e participativo desses grupos na profecia. Sim, Yahweh é o protagonista, ele inicia todo o processo ao “derramar o seu espírito”. Mas as pessoas não são meros expectadores da ação divina. De fato, o verbo “profetizar” está no *niph*, normalmente uma construção na voz passiva. Mas os verbos “sonhar” e “ver” estão no *qal*, voz ativa.

Os velhos e jovens têm papel ativo na nova realidade dirigida pela profecia e pela sabedoria. Não é descrito com detalhes qual será esse papel ativo, mas a sua relevância é destacada em Jl 3. Os velhos não estão apenas integrados nessa nova realidade, eles são parte ativa no processo de integração e construção da nova comunidade.

Conclusão

A literatura que deriva das situações traumáticas tende a reconstruir a identidade pessoal ou social destruída pelo evento impactante. Essa proposta combina muito bem com o livro de Joel, influenciado por um dos maiores traumas da história de Israel e Judá: as invasões e destruição de Jerusalém pelo exército da Babilônia. Neste livro, o cap. 3 ocupa um lugar especial. É a transformação do Dia de Yahweh passado, símbolo do julgamento e destruição para o Dia de Yahweh futuro, esperança de salvação e reconstrução.

Essa reconstrução será antecipada pelo derramamento do espírito de Yahweh que tornará o povo uma comunidade profética.

Os idosos, normalmente mais afetados nos eventos sociais traumáticos, serão parte integrante da construção da nova realidade. Eles exercerão uma importante atividade profética, que é a de sonhar. Não somente serão recepto-

res do dom de Deus, mas integrantes e integradores da salvação que virá com o novo Dia de Yahweh.

Referências

- ANDIÑACH, Pablo (1992), *The Locusts in the Message of Joel*. In: *Vetus Testamentum*, v. 42, pp. 433-441, Leiden: Brill.
- BARTON, John (2001), *Joel and Obadiah: a commentary*. The Old Testament Library. Louisville: Westminster John Knox Press.
- CRENSHAW, James L. (2008), *Joel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Yale Bible. 2a. ed. New Haven & London: Yale University Press.
- FRECHETTE, Christopher G. & BOASE, Elizabeth, “Defining ‘Trauma’ as a Useful Lens for Biblical Interpretation”. In: BOASE, Elizabeth & FRECHETTE, Christopher G. (2016), *Bible through the Lens of Trauma*. Atlanta: SBL Press, pp. 1-23.
- NOGALSKI, James D. (2023), *The Books of Joel, Obadiah and Jonah*. The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids: W.B. Eerdmans.
- ALONSO SCHÖKEL, L. & SICRE, DIAZ, J.L. (1991), *Profetas II*. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas.
- WOLFF, Hans Walter (1977), *Joel and Amos*. Hermeneia. Philadelphia: Fortress Press.

Marcos Paulo Bailão
Ariane Feitosa de Oliveira